

Arroz de Funeral

Pelos cemitérios da cidade, JAIME SABINO, um verdadeiro "papagaio de pirata", persegue os mortos ilustres

ANA CAROLINA AZEVEDO, JOANNA COLLARES, MARGELA ZAIDEN E RENATA STORCK



Francelino Pereira, ACM, Sarney, Marco Maciel e Jaiminho: realização plena ao lado de personalidades

O currículo dele é o fim. Dos outros. Ninguém no Brasil foi a tantos enterros como Jaime Dias Sabino, de 76 anos. Mais conhecido como Jaiminho, esse baiano de Feira de Santana vem freqüentando funerais há quase 50 anos. Hoje, já soma 670 e, ambicioso, pretende chegar a mil. Sua paixão começou quando, ainda jovem, foi ao enterro de Getúlio Vargas, viu e gostou. A partir daí não parou mais.

Assessor do prefeito de Nilópolis, Farid Abraão David, ou Secretário Municipal para Assuntos Externos — como prefere se apresentar — não mede esforços quando alguém famoso morre. E, se possível, até viaja de avião para dar pessoalmente os pêsames aos familiares do falecido. Muitas vezes, sem nunca ter visto a pessoa em vida, Jaiminho não se sente um intruso e acredita estar cumprindo uma obrigação de cidadão. "Eu volto abalado para casa, mas vou prestar minha

homenagem, já que futuramente iremos nos encontrar", conta.

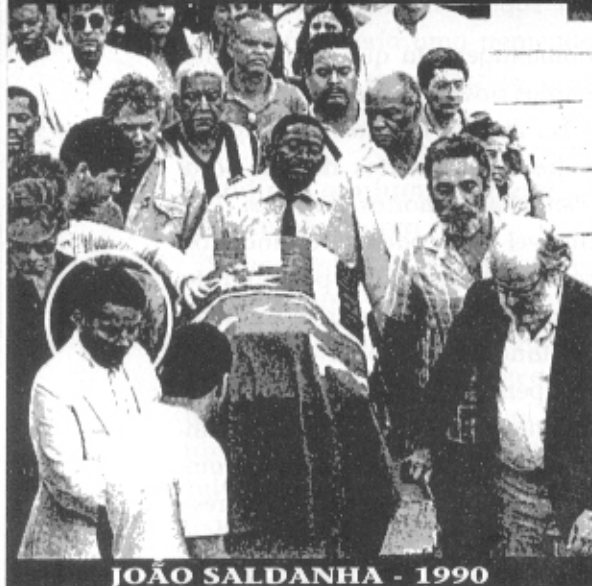
No dia dos finados, ele percorre todos os cemitérios do Rio para visitar seus mortos queridos. Por incrível que pareça, quando os seus pais morreram, por falta de recursos, não pôde ir à Feira de Santana assistir ao funeral. "Tento compensar minha ausência indo ao enterro de pessoas que fizeram algo pelo país", justifica. Com todo esse currículo, ele é a expressão máxima do "papagaio de pirata". Ou seja, aquele cara-de-pau



CHACRINHA - 1988



DINA SFAT - 1989



JOÃO SALDANHA - 1990

que, diante de máquinas fotográficas e câmeras, pula sempre na frente.

Para não perder o seu programa predileto, caveirinha — como é conhecido pelos amigos — é um rádio-escuta competente. Ele mantém, permanentemente, oito rádios e quatro televisões ligadas. "Em cada quarto eu tenho uma televisão; se eu vou ao banheiro tenho um rádio ligado. Se eu vou lá fora eu tenho um outro rádio ligado", revela seu método. Assim que fica sabendo que uma celebridade morreu, liga para o hospital ou para onde quer que seja, e consegue, em primeira mão, informações sobre o velório e o enterro. Para poder cumprir toda a sua agenda de compromissos fúnebres, Jaiminho teria que se dedicar a uma atividade profissional que o possibilitasse um horário bastante flexível. Foi isso que ele encontrou na prefeitura de Nilópolis, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. "Eu faço os despachos do dia e vou para o cemitério. Como não tenho hora para entrar no trabalho e não bato ponto, posso montar meu horário", conta ele.

Não é de hoje que caveirinha sente uma forte atração por *flashes* e luzes: trabalhou como figurante de uns 50 filmes da Atlântida; fez ponta em dezenas de chanchadas e participou de outras tantas fotonovelas das revistas Sétimo Céu e Fatos e Fotos. "Apareci mais quando interpretei o irmão do Caubi Peixoto", admite. Por gostar mais de fazer pose e aparecer do que ter um bom desempenho como figurante, acabou demitido.

Seu arquivo pessoal é de dar inveja a qualquer artista de pri-

meiro time. Guarda algo em torno de trinta álbuns, com recortes e fotos das cerimônias em que já compareceu. Ele calcula já ter ido a mais de mil eventos de todos os tipos, embora dê preferência a enterros, missas de sétimo dia, inaugurações, posses e julgamentos. Até nas convocações da seleção brasileira ele marca presença. "Se a pessoa é importante eu sempre vou", diz.

Jaiminho chorou no enterro do animador de auditório Chacrinha, do cantor Cazusa, do ator Lauro Corona, das atrizes Iara Amaral, Dina Sfat, do senador Afonso Arinos, do líder comunista Luiz Carlos Prestes, do ex-presidente Emílio Médici e de Tom Jobim. "Nas paredes da minha casa tenho todos os registros da minha presença nesses sepultamentos", conta orgulhoso.



**"Se eu pudesse
dormiria de terno;
aí quando eu
morrer já estaria
preparado"**

Fazer parte da fila do gargarejo é sempre meta do "papagaio". Para isso, ele já tem toda a estratégia armada. Chega discreto, cumprimenta a família do morto se apresentando como representante do prefeito de Nilópolis, explicando que esta é uma cidade na qual aquela pessoa era muito querida. Aí eles dizem: "Tudo bem, doutor". Depois fica por ali para aparecer nas imagens. "Quando eu saio de um sepultamento, se eu não segurar a alça do caixão me sinto mal.

Às vezes eu peço, quando não consigo vou na frente, mas em 70% dos casos consigo", comemora.

Estar sempre bem vestido é outra tática usada. "Minha mãe me obrigava a vestir terno de linho engomado desde os sete anos. Se eu pudesse dormiria de terno; aí quando eu morrer já estaria pronto", brinca.

Com audácia e experiência, Jaiminho consegue furar o bloqueio de fãs, imprensa e até mesmo da família para chegar perto do defunto. "Para sair nas fotos, a melhor posição é ou ao lado do caixão ou ao lado do coveiro. Não tem como eu não aparecer", explica. Conhecido de todos os fotógrafos, afirma ser amigo daqueles que lhe proporcionam seu maior prazer. "Realmente aparecer é ótimo. Assim a pessoa fica conhecida".

Aparecer na TV é o novo passatempo

Jaiminho é um velho conhecido dos fotógrafos do Rio. Salvador Scofano, fotógrafo há 13 anos que já trabalhou nos jornais Última Hora, O Dia, O Povo e atualmente está na Folha Dirigida, conta que não é fácil se livrar dos "papagaios de pirata". "Eles já têm o *timing* perfeito. Só aparecem quando sentem que sairão nas melhores fotos. Não temos para onde fugir", explica. Salvador ressalta que a dura tarefa de se livrar dos penetras só é possível para os cinegrafistas, que podem focalizar as pessoas desejadas. Mas Jaiminho já conseguiu derubar até mesmo essa "teoria". Há seis meses, ele cultiva mais um *hobby*: aparecer ao vivo no RJ TV,

por isso está sempre em busca das câmeras. "Se a pessoa me chamar atenção, eu saio fora. Não vou discutir com a imprensa. Eu entendo, eles estão trabalhando", diz em um momento de lucidez.

Família não aprova *hobby* do papagaio

Presença certa em enterros mais badalados, Jaiminho aparece sempre com cara de quem perdeu um excelente amigo, apesar de, na maioria das vezes, nunca ter sido apresentado ao morto. "Conheço de minhas leituras", argumenta.

A sua mais emocionante participação foi no velório e também enterro da atriz Daniela Perez. "Chorei muito porque também tenho uma filha jovem. Foi uma loucura, peguei na alça do caixão umas 50 vezes e o Raul Gazolla me empurrava contra o muro", lembra. Vencendo a distância de 1.649 km, sua mais longa viagem para ir a um enterro, o papagaio fez questão de também estar presente na despedida de Irmã Dulce. A viagem para a Bahia foi financiada pela própria família. "A comoção era geral. Milhões de pessoas rodeavam o caixão da religiosa. Chegar perto era quase impossível, mas eu consegui", gabou-se. E o mérito ainda foi maior: Jaiminho estendeu um tapete vermelho para Sarney e Antônio Carlos Magalhães passarem.

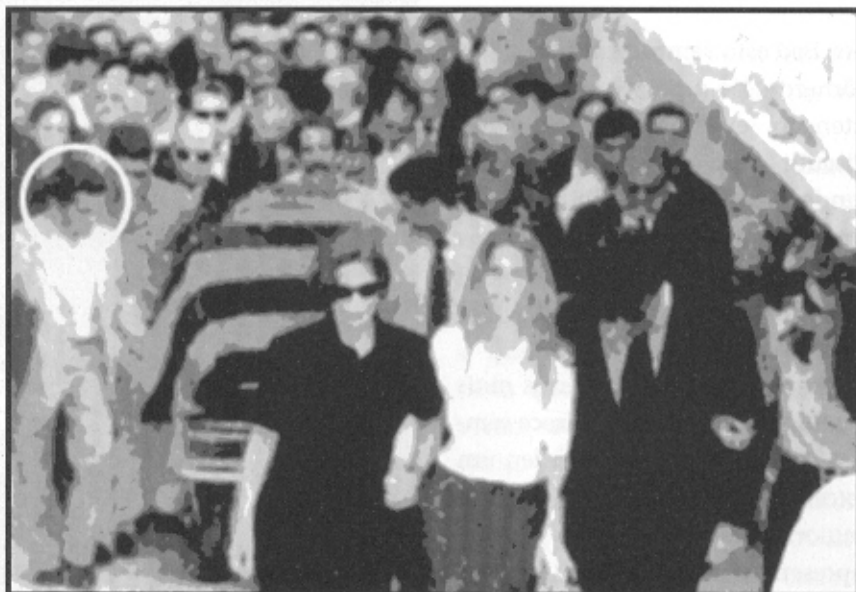
Nem mesmo a família consegue acreditar no sucesso de suas aventuras. Sua filha, Regina Pereira Dias, de 35 anos, sofre com a estranha mania do pai. "Morro de vergonha", confessa. Regina já desistiu de entender o pai. Mas de uma coisa não abre mão: Jaiminho não pode entrar em sua



CAZUZA 1990



ERNESTO GEISEL - 1996



Sabino ajuda a carregar a alça do caixão da autora Maria Clara Machado

casa com a roupa que foi ao cemitério. Ele se defende: "Eu não tenho preocupação de lavar a roupa porque lá é o lugar de todos nós. Por isso não vejo problema nenhum".

Em 1994, Jaime teve sua maior decepção. A família decidiu que ele não iria ao velório de Ayrton Senna, pois seu filho tinha morrido há 15 dias. Já com passagem de avião arranjada, tentou fugir de casa durante a madrugada, mas não conseguiu. "Minha mulher me disse: 'se você for, não volta mais'. Não fui. Eu senti

muito. Doeu tanto que eu chorei mesmo em casa", lembra. No dia seguinte, um de seus colegas na Prefeitura de Nilópolis tentou encontrar uma maneira de fazer com que Jaiminho se sentisse presente ao funeral e disse: "Vai lá, faz de conta que você está no cemitério". E ele não titubeou. Colocou a televisão debaixo do braço e saiu caminhando, chorando, como se carregasse o caixão. No fundo, não passou de uma brincadeira da turma, mas ele nem se importou.

Participando de tantos enterros,

o papagaio já passou por algumas situações de aperto, como no da atriz Dina Sfat. "Chovia muito, eu escorreguei junto com Marcelo Alencar, governador do Rio na época. Nós fomos parar dentro do buraco", lembra.

A psicóloga Marcia Moreira observa em Jaiminho um comportamento muito mais ligado à busca de aceitação e inclusão em um ambiente social de destaque na sociedade do que a uma identificação com aspectos mórbidos ou ligados à tristeza. Para ela, ele apresenta uma personalidade exibicionista como forma de se fazer existir como uma pessoa. "Parece que vive em função de encontrar uma brecha para poder incorporar um personagem e fazer de sua vida uma grande aparição", afirma.

Tantas idas ao cemitério não fizeram do papagaio o melhor amigo dos mortos. "Se alguém aparecer para mim, viro outro defunto. Não é medo, é porque qualquer coisa de outro mundo me dá uma dor enorme no coração", conclui, afirmando que gostaria poder adiar o máximo possível seu enterro.



Os enterros mais marcantes de Jaiminho

O MAIS BONITO: "Daniela Perez".

O MAIS DIFÍCIL PARA COMPARECER: "O do sobrinho do Itamar. Nem a Globo conseguiu entrar".

O MAIS ATRAPALHADO: "Luís Carlos Prestes. O caixão parecia que não tinha endereço certo e passou na mão de todo mundo. Uma verdadeira confusão".

O MAIS TRISTE: "Foi o da Irmã Dulce. Oitenta pessoas chegaram a desmaiar em cima do caixão".

O MAIS LONGO: "O do Chacrinha foi muito comprido. O do Giocondo Dias (militante histórico do Par-

tido Comunista) também, já que o corpo ficou uma eternidade na Assembléia Legislativa".

O MAIS TUMULTUADO: "Daniela Perez. Tinha gente demais e uma quantidade incontável de anônimos e de gente que não conhecia a família".

O QUE MAIS SE ARREPENDE DE NÃO TER IDO: "Sem dúvida, Ayrton Senna. Estava com passagem comprada para São Paulo e crachá para assistir ao enterro de perto, mas meu filho faleceu 15 dias antes e minha mulher não me deixou ir. Senti a morte do Senna como se fosse a do meu filho".